



ID: 45012300

01-12-2012 | Atual

LIVROS

A cidade parece regurgitar gente — regurgita sem dúvida, a todo o instante, sente-se isso página a página —, mas a Ondjaki chega-lhe escrever sobre um grupo restrito, delineado, bafejado tanto pela sorte quanto pela desdita. Em simultâneo. Grupo que faz pela vida e vai praticando filosofia ao longo do romance, como se não soubesse disso. A filosofia da vidinha pura, da vidinha desgastada, da vidinha ínvia, da vidinha do desenrascas. Da vida que torna um homem transparente, sem visibilidade que lhe mereça atenções. Mas um coletivo que apresenta a maior dignidade que pode ter um ser humano — e que faz disso riqueza ímpar —, a maior que pode possuir uma comunidade que reflete sobre os sobressaltos e demais acontecimentos do dia a dia. Que os pratica, a esses sobressaltos, a todos e a cada um. Essa comunidade concentrada, cerca de dez personagens, traz na cara, besuntada, a história da cidade inteira.

Ondjaki acostumou-nos a uma escrita poética, realidade aguarelada, otimista, esperançosa. Chegados aqui, a este “Os Transparentes”, surpreende-nos sem aviso prévio. Está cá a carga poética, até mesmo um largo piscar de olho ao realismo mágico resgatado dos latino-americanos, mas já não brincamos aos meninos, às avozinhas (excelentes prosas essas, diga-se), às fotografias tiradas de recordações de momentos doces da infância (recente, enfim...) mimando uma Luanda que se deseja mas já não é. Ondjaki chegou à porta da rua, espreita atento e depara-se-lhe não aquela onde brincava quando pequeno mas a da vida crua e nua de milhões de kaluandas lutando para sobreviver. Enquanto isso, o Poder manipula, compra e vende, rapa, tira, põe e dá (a poucos).

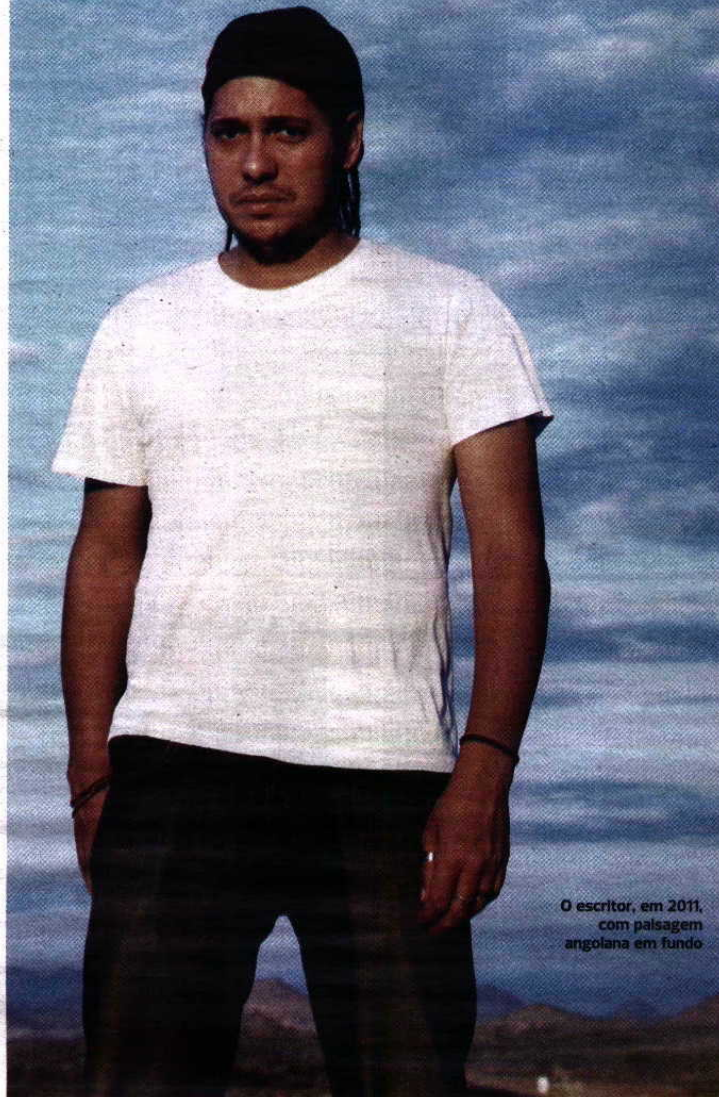
Há estrangeiros e nacionais, e os da mó de cima e os na mó de baixo. E há Luanda enxameada, cidade “que fervia com a sua gente que vendia, que comprava para vender, que se vendia para ir depois comprar e gente que se vendia sem voltar a conseguir comprar”. Todo um universo.

No pós-guerra angolano, onde a democracia se constrói aos soluços (na dupla aceção que a palavra pode, aqui, ter), a vida é difícil e precisa de paliativos. Valham as águas quase aparecidas por milagres sucessivos daqueles canos de um primeiro andar de prédio semidestruído, ou semiconstruído, que compõem engenhosos charcos sem descerem mais um lance, recusando

Luanda e kaluandas

Sem enjeitar o seu ritmo poético, Ondjaki descreve uma Luanda pujante de vidas, mas fenecendo, doente, na estrutura e designios

Texto António Loja Neves



O escritor, em 2011, com paisagem angolana em fundo

do desaguiarem no terreno à frente da porta principal. Elas e eles, os do prédio e mais alguns, poucos, bafejados pela dita de as saberem refrescantes e poderosas, gravitam à volta de ‘as águas’ e vão criando laços e negócios e sonhos e divagações. Até que tudo se precipita, para a comunidade visada na trama e para a cidade toda, no rescaldo do despudor dos poderosos.

É bom que se diga que, primeiro, falece um ser de nacionalidade bem angolana, de nome Ideologia, obrigando todo o mundo ao luto e em sentido. Depois, por sentença da ganância dos sempre mais ricos, sucumbirá a própria cidade, esburacada por causa do petróleo, já sem fundamento para as fundações dos edifícios. Sucumbe e arde em chamas, espécie de alegoria de Gomorra nacionalizada africana. As chamas alterosas ameaçam tudo devorar. Crepitam entorpecedoramente.

Por isso, no princípio e no final do livro — que a narrativa é circular —, o Cego que sempre se deixava guiar pelo VendedorDeConchas diz, alvorçado: “Não me deixe morrer sem saber a cor dessa luz quente.” E o romance continua, logo: “As labaredas gritavam com força e mesmo quem fosse cego de ver devia sentir uma sensação amarela de invocar memórias, peixe grelhado com feijão de óleo de palma, um sol quente de praia ao meio-dia, ou o dia em que o ácido da bateria lhe roubou a animação de ver o mundo.” E lhe retorquiu o acompanhante, no meio do apocalipse: “Mais-velho, estou a esperar uma voz de criança para lhe dar uma resposta.” ▲

lneves@expresso.impresa.pt



★★★★

OS TRANSPARENTES

Ondjaki

Caminho, 2012, 431 págs., €17,90

Romance